

MAXAKALI

Uma nação contra as fazendas

A carta que os Maxakali entregaram ao presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal, no dia 19 de março, rendeu-lhes uma mísera autorização verbal de que podem expulsar qualquer fazendeiro que entre em suas terras, "por minha ordem", assegurou-lhes o coronel. E os cerca de 400 índios dessa resistente nação, que vivem no município de Bertópolis (MG), não suportam mais as investidas de um grupo de fazendeiros liderados por Severiano, Laurindo e Cabral. Desde suborno, calúnias, até o assassinato de João Cego, os Maxakali denunciam em sua carta:

"Saiu no jornal sobre o nosso irmão João Cego Maxakali. Ele não morreu bêbado. Ele foi passar em Medeiros Neto na Bahia com outros companheiros. Todos fazendeiros viu que ele saiu da aldeia para a cidade. Caminhão foi atrás. Foi mandado. Caminhão veio até Batinga na Bahia. Fazendeiro mandou pegar qualquer índio com caminhão. Caminhão ia prá lá de Itanhaém. Mulher civilizada ia com menina na estrada. Ia prá cidade. Daí caminhão foi atrás dela, pensando que era índia. Jogou caminhão nela. Mulher gritou e pulou e rastou a menina. Quase pega. Ela ficou chorando. Mulher olhou na frente do caminhão e viu José Cego sentado na sombra descansando do sol quente. Virou o caminhão. João Cego queria sair mas o barranco era grande e não teve jeito. Caminhão pegou ele".

Nesta parte da carta em que os Maxakali contam a morte de João Cego, ocorrida no mês passado, a mulher confundida com uma índia, ainda pediu socorro para um carro que passava. Não adiantou, ele tinha as pernas quebradas, os braços e a cabeça partida ao meio. A versão dos fazendeiros, no entanto, era de que ele estava bêbado. "Mas ele não estava. João Cego era bom. Sabia tudo sobre nossa religião e ensinava".

Ainda esse ano os mesmos fazendeiros se reuniram e doaram ao capitão Pinheiro, da PM de Minas, uma grande faixa de terra, para que "ele moralizasse as áreas indígenas" - pelo menos foram os boatos que surgiram. Mas os Maxakali atearam fogo em uma pequena parte da área e protestaram:

"Nós já conhece o capitão Pinheiro. Ele trabalhou sete anos de sofrimento para nós no posto. Judiou muito o índio. Pren-

deu. Bateu. Por isso índio não quer ele lá".

Há várias outras acusações a esta nação, feitas pelos fazendeiros ao jornal Estado de Minas, todas rebatidas por ela, mostrando que os latifundiários querem mesmo é a terra dos Maxakali. Como o caso do gado, por exemplo, onde os índios explicam que mataram um boi como "forma de pagamento pelos prejuízos que causaram ao nosso pasto". Ou a acusação de que os colonos estão abandonando a região por causa dos índios. Diz a carta: "Todo mundo sabe que o civilizado pobre vai embora porque não tem mais terra para trabalhar, pois os fazendeiros só quer criar boi". Outra ainda, é a quebra de diálogo, provocada pelo delegado Regional da Funai:

"O delegado Regional não quer fazer reunião com índio. Só faz com fazendeiros. Índio quer saber o que eles tá falando na reunião. Índio precisa fazer a reunião e o delegado tem que ouvir. Ele só recebe ordem do fazendeiro".

DE JEQUITINHONHA A MACURI

Os Maxakali não têm uma história muito diferente de tantas outras nações oprimidas. Como conta a agente de Pastoral, Geralda Chaves Soares, num relatório, eles foram expulsos do vale do Jequitinhonha, "empurrados pelas frentes de expansão agropecuária e mineradoras que invadiram o vale nos séculos passados".

Nesse período foram eliminados mais de 50 povos indígenas. Os Maxakali, porém, resistiram.



Foto Fábio Vilas

A 1ª Assembléia Indígena do Leste. Aqui os Maxakali protestaram



Foto Mamede Fernandes

Eles reclamam do atendimento dos funcionários do órgão tutor

"Perseguidos, mortos, aldeados, disfarçados no meio daqueles que para atestarem seu extermínio chamavam-nos (e ainda chamam) de 'bugres' e 'caboclos', eles chegaram a região do Mucuri. Estabeleceram ali seu território, marcando-o com palmeiras perto das cidades de Bertópolis e Machacalis".

Só que o sossego durou pouco, logo começaram as demarcações dos municípios vizinhos, e sua área volta a ser invadida, agora por fazendeiros e bois. Continua Geralda Chaves: "Chegam a cachaça e os brindes para atraí-los. Ninguém pergunta quem são eles, como vivem, o que pensam do mundo e de si mesmos".

Surgem então duas fases distintas. Numa, na década de 40, o SPI, Serviço de Proteção ao Índio, faz demarcações do posto Maxakali, porém a região de Pradinho fica indefinida. Desorientados, muitos índios fogem para Itanhaém, nas matas da Bahia. A segunda etapa, caracteriza-se com o retorno dos sobreviventes, a maioria fora dizimada por febres e doenças. Então todos se juntam e começam a se preparar para a guerra, prevendo ataque de fazendeiros. Antes de qualquer incidente, contudo, Pradinho é demarcado.

"A cobiça cresce. Com a medição, os índios perdem partes importantes de terra. Por exem-

plo, o local da aldeia antiga, onde atualmente é a sede da fazenda de Severiano. Nem com isso a força dos Maxakali diminui", afirma a agente de Pastoral.

TENTATIVAS? ATÉ HOJE

As tentativas de invasão, porém, continuam. Em seu relatório, Geralda Chaves faz um retrospecto dos principais acontecimentos na reserva Maxakali, desde 78. Foi quando ocorreu a primeira luta pela conquista. Todos os posseiros que aos poucos tinham entrado, foram expulsos. Contudo, o índio Thiago da Aldeia da Água Boa, é assassinado, "praticamente indefeso, de arco e flecha". O policial, que comandara o crime, foi julgado. Pena: transferência de cidade.

Em 79, iniciam-se as atividades do Cimi - Conselho Indigenista Missionário, com uma primeira reunião em Itambacuri, quando participam Maxakali, Guarani e Tupinikin. Todavia, a atuação do Cimi na região só começou em 80.

Ainda em 79, na 13ª Assembleia Indígena em Sergipe, na região dos Xokó, os Maxakali denunciam a imperícia da Funai, e voltam dispostos a tomar uma atitude: "começa o extermínio do rebanho que a Funai mantém em suas terras, estragando as pastagens e sem lhes trazer nenhum benefício".

Nem bem o Cimi começa a

trabalhar, é proibido de ficar na área. "Fazendeiros e outras pessoas continuam tendo acesso livre ao posto". A explicação para isso é simples: com ajuda dos latifundiários, o delegado da Funai, Carlos Roberto Grossi, começa a contratar funcionários treinados para a implantação de um rojeto ousado, com um custo financeiro de 16 milhões de cruzeiros: o Projeto de Desenvolvimento Integrado e Assimilação. Surgem grandes plantações de mandioca e laranja, destruídas depois pelos índios, como revide ao péssimo tratamento do chefe do posto Pradinho, Valtair Martins.

"Nesse período ocorre doenças de peles nos índios, fato denunciado pela diocese de Teófilo Otoni. A Funai exige explicações da equipe de Pastoral, mas começa a estudar a contaminação das águas", descreve Geralda Chaves.

Um jornal da Universidade de Juiz de Fora (MG) denuncia as intenções da Funai com o projeto de Assimilação:

1) Transformação de área indígenas em empresas, com falta de respeito à organização indígena, e sua transformação gradativa em assalariados da Funai;

2) emancipação futura da terra que poderá ser revertida União ficando os índios como mão-de-obra para grandes latifundiários e a terra entregue a novos projetos de colonização;

3) o apoio que a Universidade está dando ao 'projeto', com um convênio que leva para a área, universitários mal preparados que podem levar hábitos nocivos à cultura nativa".

1981. O Cimi denuncia espancamento do índio Arquilino, por vaqueiro de uma das fazendas. Os Maxakali, se rebelam e vão a fazenda. A Funai desmente denúncia mas envia polícia Federal à área. Uma série de armas de fogo é apreendida com os fazendeiros.

Chegou então a vez do Cimi fazer sua manifestação contra o "projeto" da Funai. O delegado deste órgão continua a se reunir periodicamente com os "acionistas". Chega o fim de 81 e já comenta-se a volta do capitão Pinheiro. Ele ganha uma fazenda, mas os índios colocam fogo. Ai começaram os conflitos desse ano.

CEEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Revista

Data:

maio 1982

Class.:

39

Pg.:

03